

ONDAKA

Boletim Mensal do Projecto Comunitário Vozes da Paz Ano 3 Nº29 Outubro 2003

Ponte "Silupuka" Sem vinte kwanzas mata uma criança

Gerviz Satima Santos de 11 anos de idade, não suportou a corrente de água acabando por afogar-se no rio kalohumbula junto à ponte "Silupuka", no dia 25 de Outubro.

Pág. 16



Será que no Vilinga também há kamanga?



As casas próximas das ravinas que estão sendo criadas nos bairros de Bomba Baixa e S. José correm risco de desmoronarem dentro de pouco tempo caso não haja uma solução rápida de tal problema.

Pág. 12

Economia e pobreza

Temos de criar um circuito de formação e montar outros serviços paralelos tais como a assistência técnica e comercial ao campo. Disse Dr. Mendes ao ser entrevistado.



Págs. 8-9

Cobrir com capim-Uma arte em esquecimento



Senje é o mais utilizado em Angola principalmente nas províncias do Huambo, Bié, Benguela e Kwanza - Sul.

Págs. 14-15

Rosto do Mês

Sinto-me bastante feliz pelo nosso grupo de Publicação Comunitária do Vilinga e pelo facto de fazer parte ao boletim mensal "ONDAKA".



Pág. 3

ONDAKA é financiado pela Agência Canadiana para o Desenvolvimento Internacional (CIDA) e a Agência Suíça para Desenvolvimento e Cooperação (SDC).

Editorial

As terras de cultivo transportam um aroma em que ninguém resiste. O verde dos campos não fica atrás. Os homens sentiram as primeiras gotas de chuva e afinaram as suas enxadas, a tracção animal e os outros meios prontos para desbravarem a terra. Tudo na linha de acudir o problema da fome nas suas comunidades.

Nesta batalha juntam-se todos os que querem ver esta Angola fora da miséria. Assim surgem vários planos que visam intervenções nas comunidades mais desfavorecidas. É verdade que a maior parte da população angolana é pobre. São notáveis as causas que andam por de trás deste problema. Por exemplo é muito comum recebermos notícias que tratam da violência. Muitas destas violências têm a ver com a pobreza.

Neste número do Ondaka queremos reflectir em conjunto sobre este problema da pobreza nas comunidades. A questão que se coloca é como e quem deve fazer parte da batalha para a diminuição

da pobreza nas comunidades. Lá onde nunca se chega, para pelo menos colocar um posto médico, uma escola e um centro comercial. Aqui temos um exemplo. "Nunca a minha aldeia se beneficiou de nenhum tipo de serviço básico, nem pelo governo colonial nem pelo nosso governo actual e também nem pelas ONGs. Os nossos doentes são transportados de carro de mão e muitas das vezes estes acabam por morrer pela caminhada". Estas são as palavras do soba da aldeia Correia Humbi que dista a 15 quilómetros a sul da comuna do Alto Hama.

Podíamos também citar vários exemplos, relacionados com as comunidades que ainda hoje depois de 18 meses de paz, continuam a comer raízes de bananeiras, ovos de pássaros e muitos também acabam por morrer.

Apesar da guerra que é a causa principal desta pobreza é também notável um pequeno grupo de angolanos bastante rico nesse País. Muitas vezes é muito complicado compreender como foi se

desenrolando este processo. Ricos na guerra, pobres na guerra. Isto parece hoje questão do passado, mas referenciar este problema com os assuntos do passado seria ignorar o futuro.

O fraco apoio que é dado às comunidades de base proporciona um desenvolvimento desigual. Assim tornamos difícil a reconciliação entre pessoas enquanto elas continuarem nestas condições de pobreza sem oportunidades.

Deve ser urgente a colocação de ferramentas que permitam um desenvolvimento equilibrado nas comunidades. Assim havemos de promover a participação de todos os angolanos nesta luta económica. Só isto fará da paz um produto e alegria de todos nós.

Espaço do leitor

Olá, equipe da publicação do ONDAKA! Acabei de obter um exemplar do vosso boletim, na mão do Revº André Kangove, Secretário Executivo da Igreja Evangélica Congregacional em Angola - IECA, na sede da IECA em Luanda. Gostei do boletim (ano 3, Nº26, Julho 2003), particularmente da sua estrutura técnica bem como a abordagem dos temas. Agradecia receber vossa publicação através do correio normal caso seja possível. Em contrapartida

passaria a divulgar alguns temas na Rádio Ngola yetu, em Umbundu, na qual sou jornalista há 19 anos. Também podia receber vossos temas via e-mail, para divulgação, na medida em que as nossas emissões são dirigidas essencialmente às comunidades que falam umbundu. Caso seja possível enviar-me exemplares.

Maia Alfredo
Luanda-Angola

ONDAKA

Ficha Técnica

Coordenação: Quintas Júlio

Redacção: Júlia de Campos

Paginação: Margrit Coppé

Ilustração: Martinho Daniel

Revisão: Cupi Baptista, Beat Weber, Jonathan Howard

Produção: Grupos comunitários da Santa Teresa, Losambo, Samacau, Vilinga, Nzaji, Kilombo, Km25, Sambo, Funileiros, Gomes e Fátima no município de Katchiungo

Editado por:

DW - Development Workshop - Huambo

Endereço:

Rua 105 casa 30

Bairro:

Capango - Huambo

Tel :

(041) 20 338

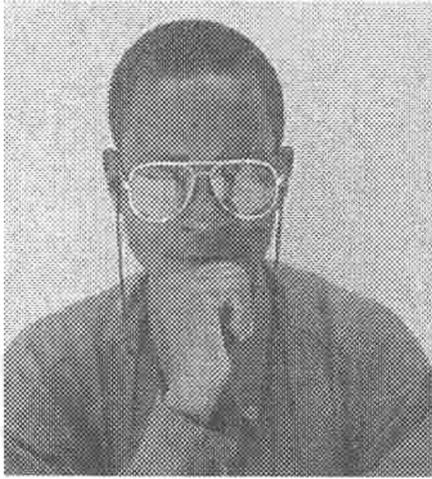
Email:

pubcom.dw@huambo.angonet.org

Rosto do Mês

Tony, natural de Malanje, sem família no Huambo e sem emprego, tem estado a lutar para a sobrevivência. Por isso nesta edição, escolhemo-lo para ser o rosto do mês, onde ele faz uma resenha a respeito dos momentos bons e maus que foi atravessando ao longo desses anos.

Chamam-me de António José Maria Mussamba, filho de Mussamba Mugiba e de Joana Nicolau, nasci aos 20 de Junho de 1961 na aldeia de



Luquembo, província de Malanje. Sou pai de quatro filhos, dos quais três com a minha mulher com quem vivo nesse momento e o outro já falecido, com a minha primeira namorada em Luanda. Separei-me dela devido o cumprimento da vida militar.

Vivo no bairro da Canata numa casa de aluguer.

*Nome: António José Maria Mussamba
Filiação: Mussamba Mugiba e de Joana Nicolau
Naturalidade: Luquembo, província de Malanje
Idade: 42 anos
Profissão: Rádio técnico
Morada: Bairro da Canata*

Fiz o meu ensino primário no município de Luquembo nos anos 1968-74 na escola Pompeu.

Em Junho de 1979 desloquei-me para Luanda e fiquei em casa da minha irmã a fim de continuar com os estudos, porque no município onde vivia não havia o IIº Nível. Não consegui matricular-me no ensino regular por ter chegado tarde, mas felizmente tive a oportunidade de matricular-me na escola de formação de quadros do Ministério das Pescas.

Em 1982 fui colocado na Empresa de Expedição Conjunta de Pesca, Angola-Soviética, no barco de marca MTR-402, com funções de mestre de rede e tripulante. O salário chegava para minimizar as minhas necessidades.

para cumprir o serviço militar. Fiz os meus treinos no centro de Otódromo em Luanda e depois fui enviado na ex. 5ª Região Militar na 2ª brigada de infantaria motorizada no município da Kahama província do Cunene, como chefe de secção de comunicações no grupo de Obus-122mm, onde permaneci oito anos sem ver a minha família. O momento mais triste durante a guerra foi o bombardeamento dos Sul Africanos em 1983 à 84 no município da Kahama. O que marcou-me bastante foi num outro período que ganhamos a batalha contra os Sul Africanos.

Em Outubro de 1986, conclui a 7ª classe na zona académica dos Heróis de Kangamba em Kahama. Em 1990, fomos movimentados para a cidade do Huambo e aos 11 de Abril de 1992, fui desmobilizado. Feito isso voltei à Luanda, onde encontrei a maior parte da família. Através do Gabinete de Apoio aos Desmobilizados (ex-GIANDA), transferiram-me novamente para a cidade do Huambo. Matriculei-me no curso de Contabilidade Geral, no Centro de Formação Profissional Fadário Muteka, que teria a duração de 6 meses. Porém não terminei o curso, porque quando faltavam apenas dois meses reacendeu a guerra no País.

A guerra prejudicou a minha vida, mas os sonhos para dias melhores não param. Hoje, luto com todas as garras, já participei em várias formações promovidas pelas ONGs

estrangeiras:

- CCF na área de crianças traumatizadas.
- ICDP ONG Norueguesa em Angola também na área de crianças, formação que durou 45 dias para promotor de psicossocial.
- DW, na formação de jornalismo comunitário e técnicas de diagnóstico rápido participativo. Neste momento não tenho emprego para satisfazer as necessidades dos meus filhos. Nas forças armadas estava numa reciclagem de rádio técnico durante seis meses.

Com esta pequena formação e tendo em conta as más condições de vida, em casa dedico-me a concertar rádios, para sustento dos meus filhos.

Este trabalho não é rendível, porque não tenho material adequado para o efeito. Os clientes pagam muito pouco.

Para além de arranjar rádios sou professor de alfabetização no bairro onde vivo, gosto de ensinar por isso ajudo a minha comunidade a crescer e faço parte de um grupo de Publicação Comunitária, onde sou activista de Direitos Humanos e HIV/SIDA.

A minha esposa vende tomate e cebola na praça da Canata. Sinto-me feliz pelo nosso grupo de Publicação Comunitária do Vilinga e por fazer parte na publicação deste boletim mensal "ONDAKA" e não só, dos encontros de troca de experiência com outras comunidades.

Para mim Huambo é uma grande cidade. Existe muitas vantagens de viver nesta cidade, porque há maior possibilidade de estudar, porém infelizmente não o faço até hoje por falta de dinheiro.

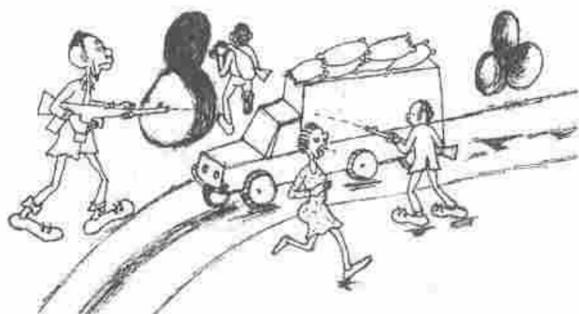
ATAQUE À UMA VIATURA

Uma viatura que fazia viagem Luanda Huambo foi atacada junto a ponte do rio Kacipombo, nas proximidades da Pedra Cuca, por três indivíduos pertencentes a defesa civil.

A acção aconteceu pelas 2h00 da madrugada, quando esta viatura vinha carregada de cimento e farinha.

Salienta-se que os assaltantes apoderaram-se apenas das sacolas dos ocupantes.

Os mesmos já se encontram a contas com a justiça, graças ao Jorge, que também fez parte da acção, e que depois de ser investigado teve de mostrar os demais.



OCENDELO CATYEKENGIWA

Ocendelo cimwe cilinganga ungende Luanda-Huambo, catyekengiwa peyawu lyolwi Kacipombo, ocipepi lo "Pedra Cuca" lomanu vasoka vatatu, valitumbika kupange wokuteywila olopesano. Ocilunga capita kelivala lya vali koviteketeke eci ocendelo cambata o cimento lo sema yo tiliku, ovo vapunda ño akolombele vo manu vandelemo.

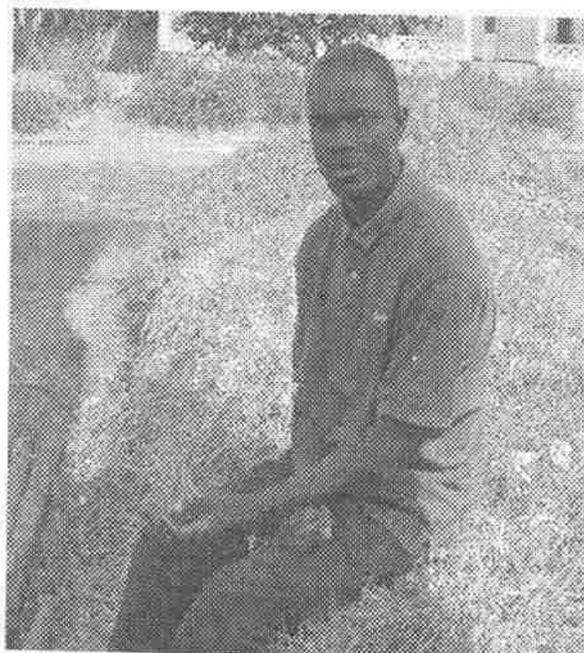
Cokulombolola okuti, ovingumba visangiwa ale okusombisiwa, pakisi Jorge una wakwatakovo onepa kelinga eli, eci akonomwisiwa walekasavo vakwavo.

Enviado pelo grupo dos Funileiros

ESFAQUEOU E JÁ ESTÁ FORA DA CADEIA

Um cidadão conhecido por Jesus, morador do bairro do Gomes, município do Katchiungo, já se encontra fora das cadeias mesmo depois de espancar a Delfina Lídia e esfaquear o Ananias Gabriel, quando este tentava acudir a cunhada que estava sendo agredida. O facto aconteceu quando Delfina Lídia de 22 anos de idade, vendedora de fuba no mercado de Katchiungo, colocou o saco de milho junto a barraca do irmão de Jesus. Este assim que encontrou o saco de milho em frente da barraca, não perguntou nada, logo começou a espancar a Lídia até partir um dente.

O esposo da Lídia ao aperceber-se do facto dirigiu-se à unidade policial do Katchiungo, na qual deram-lhe dois homens armados em busca do agressor para prestar contas. Jesus munido de faca, na presença dos polícias esfaqueou na mão do Ananias Gabriel, primo do marido da Lídia. Depois da acção Jesus escapou das mãos da polícia e passados alguns dias foi apanhado na cidade do Huambo, junto a praça



Ananias Gabriel - esfaqueado

do S. Pedro, pronto a fugir para Benguela.

Jesus foi conduzido para as cadeias onde imediatamente ficou solto.

"Pagou dinheiro é amigo dos

chefes", disse a família de Ananias quando manifestava o seu descontentamento ao ver Jesus a passear pelas ruas do Katchiungo. Mas o Comandante Municipal da Polícia do Katchiungo, senhor Paulo Manuel Chitongua, afirmou que Jesus estava condicionalmente fora das cadeias, porque o processo ainda está em andamento. Tanto Jesus como os ofendidos foram chamados na Direcção Provincial de Investigação Criminal (DPIC) do Huambo para prestarem declarações, onde o agressor foi liberto.

"Por mim acho que o caso não pode ficar assim, Jesus ou vai para as cadeias ou vai indenizar a família ofendida". Rematou o Comandante municipal da Polícia do Katchiungo.

WATOMA CILO OSANGIWA ALE POSAMWA YO KAMENGA

Umwe ulume londuko ya Jesus nungambo yo ko Gomes ko município yo ko Katchiungo, osangiwa ale posamwa yo kamenga ndaño lokutipula Delfina Lídia kwenda lokutoma Ananias Gabriel pokulemela nawa yaye wakala okulemeyiwa.

Ocilunga capita eci Lídia ukwalima vasoka akwi avali la vali, ondandisi yosema pocitanda coko Katchiungo ayeka onjeke yaye yepungu ocipepi lo kanjo pakala okulandisila manja a Jesus. U ndeti eci akasiña onjeke, yepungu, kovaso yo kanjo oko, kapulisile lacimwe, haco afetika okutipula Lídia, toke eci opangula eyo.

Ulume wa Lídia eci akaciyeva, wakasapwilileko akwenje velombe yu vowihã alume vavali lovota oco vakope cinyohi oco asombisiwe. Jesus eci akaciyeva, wakwata vomoko, kovaso ya kwenje velombe watoma Ananias Gabriel,

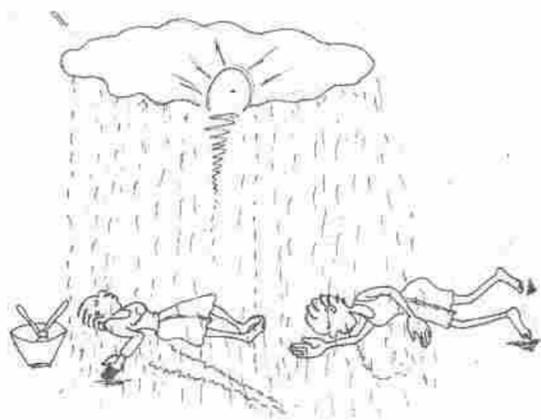
peka epalume lyu lume wa Lídia. Jesus watila akwenje velombe. Lopo wakwatiwa vo lupale lwo Huambo, ocipepi lo pocitanda co po S. Pedro, oco atilile ko Benguela.

Jesus vokayike wakalamo ño oloneke vitito haco voweca. "Wafeta olombongo kwenda eye ekamba lyo lomitavaso vyaco", wacipopya epata lya Ananias eci lyalekasa esumwo lyaye okuvanjan. Jesus oñwalañwala volokololo vyo ko Katchiungo. Pole mitavaso ya kwenje velombe ko Katchiungo, ñala Paulo Manuel Chitongwa, walombolola hati Jesus okasi posamwa, pole ocitangi caco handi cikasi okutaliliwa, kacilomboloka okuti waciwa. Momo Jesus kwenda ava valemeyiwa vavilikiyiwile ko DPIC ko Huambo oco vayeveliwe. Ko kwange ndisima hati ocitangi eci kacitava okuti cikala ndoto Jesus te wanda vokayike ale te wafeta kepata lyalemeyiwa, wacipopya usongwi wakwenje velombe.

Enviado pelo grupo do Katchiungo

TROVOADA MATA

Duas pessoas morreram por consequência de uma trovoada, no dia 3 de Outubro por volta das 16h00 na Galanga comuna do



município do Londuimbali. Segundo Evaristo Sayengue, Administrador comunal, as vítimas

vinham das lavras. Esclareceu ainda que o facto aconteceu 1 km antes das suas casas, tendo provocado a morte da tia e da sobrinha. Uma criança que as acompanhava saiu ileso.

OCIKELU CIPONDA

Omanu vasoka vavali vasanga olofa omo lyo cikelu ke teke lya tatu, vosâyi ya Mbala Vipembe, ke livala lya kwâla konepa yo kekumbi, ko Galanga ko Comuna yo ko Londuimbali.

Ndomo calombolwiwa la ñala Evaristo Sayengue Ndimili yo Komuna, vapita vocilunga vakala lokutundilila kovapya osimbu vakala vocationalã ce lyanga limosi lolonjo vyavo, lokusupuka olofa vya pahâyi kwenda cimumba, pole pokati kavo pasupuka yumwe omõla wawakwamele.

Por: Adérito Chimuco, no Londuimbali

TIVEMOS DE ENTERRAR DUAS PESSOAS

Um cidadão de nome Filipe mais conhecido por Pensamento e António Francisco de 12 anos de idade, ambos residentes no bairro do Lossambo foram enterrados nos finais de Setembro.

António morreu vítima de doença prolongada enquanto que Pensamento morreu quando assistia o óbito de António. Tudo porque Pensamento depois de fazer parte do trabalho do caixão, foi com a sua esposa numa casa comprar caxi. Depois dos copos voltou a casa do óbito onde começou a exigir uma explicação da morte do pequeno Francisco. Minutos depois Pensamento pegou outra vez num copo e foi até a uma bananeira, onde foi encontrado morto dia seguinte. Assim o Pensamento e o Francisco foram enterrados no mesmo dia.

A comunidade daquele bairro alerta aos consumidores do álcool a terem bastante cuidado.



CAKISIKA OKUKENDA OMANU VAVALI

Umwe ulume londuko ya Filipe, wakulihiwa vali londuko ya Pensamento kwenda António Francisco ukwalima vasoka ekwi la vali, vosi yavo vakala olonungambo vyo ko Lossambo, vakendiwa ko kupwa kwo sâyi ye Nyenye Linene.

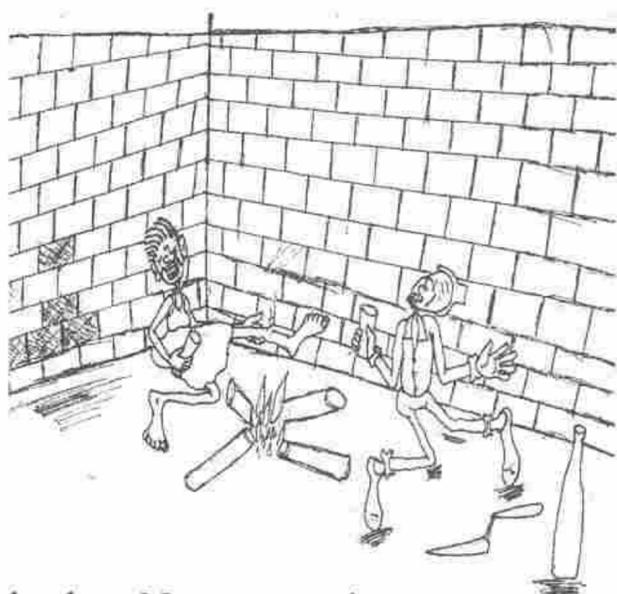
António wafa omo lyo ku vela kwalwa, osimbu Pensamento atula omwenyo eci akala ponambi ya António. Cosi capita eci Pensamento akala konepa yo ku tunga ocikasya, wanda lukâyi waye vakalandele owalende. Eci akanywa, watyukila vali ponambi, lokuvangula hati sapwili eci caponda umalehe Francisco. Vakukutu vamwe vatito calwa, Pensamento wakwata vokopo yimwe, wanda toke pocisinde cimwe cahondyo, pana vosiña eteke lyakwavo wafa. Kwenje Pensamento kwenda Francisco vakendiwa eteke lyongongo. Olonungambo vyo sanjala oyo valemela omanu vakwakunywa evi vikolwisa oco vakwate ohele.

Enviado pelo grupo do Lossambo

ALEGRIA QUANDO É DEMAIS, CAUSA TRISTEZA

Adália de 54 anos de idade, moradora do bairro de Kasenje-Km 25, queimou na perna como se fosse lenha, devido a embriagues, quando festejava a conclusão da obra da sua casa.

Adália movida de alegria como é de costume local lavar os cantos da casa, foi comprar 1 litro de caporroto para conviver com o mestre (pedreiro), que construiu a sua casa. A torra foi tanta que as pernas de Adália tornaram-se como



lenha. Neste preciso momento a Adália encontra-se em tratamento, a pagar mais caro na vida, do que pagou no litro de caporroto. Perante este facto, a comunidade do Km25 dá um apelo às pessoas de direito no sentido de informarem ao público em geral, que beber exageradamente é prejudicial.

ESANJU NDA LYALWA, LIKOKA ESUMWO

Adália ukwalima vasoka akwi atãlo la kwãla, nungi yo ko sanjala yo ko Kasenje-Km25 wapya vokulu ndoluhwi, omo lyuholwa, eci akala okuyolela upange wapwa walingiwa konjo yaye.

Adália lesanju lyalwa ndomo cikalakala okusukula potwavindi twonjo, wakalandele elitulu lyo walende oco anywe la mesene,

wotungila onjo. Uholwa walwile calwa okuti Adália ovolu vaye vapongoloka olumbange.

Cilo Adália osangiwa vetato lina okuti lyo lyukisika okufeta olopalata vyahandangalala vo mwenyo waye, hambi olopalata afeta vokulanda elitulu lyo walende.

Pokati kelinga eli, omanu vatunga ko Km 25 vaca olukwambi ko manu vakasi kovaso, oco valombolwile omanu okuti okunywa evi vikolwisa cilinga lãvi.

Enviado pelo grupo do Km25

PROMESSAS AOS MUTILADOS DE GUERRA

Uma delegação constituída por membros do Comité Internacional da Cruz Vermelha (C.I.C.V) e Cruz Vermelha de Angola (C.V.A) visitou a aldeia do Mwangunja, município da Caála, onde prometeu aos mutilados de guerra e aos deficientes físicos dias melhores.

A promessa foi feita quando a delegação ora referenciada em companhia com os líderes locais, encontraram-se com todos os mutilados de guerra e outros deficientes físicos no Centro de Saúde do Mwangunja, prometendo ajudá-los com cadeiras de rodas e muletas.

Na ocasião as duas instituições recomendaram aos técnicos daquele Centro para registar e enviarem as pessoas portadoras de deficiência para o Centro Ortopédico da Bomba Alta no Huambo quando forem chamados.

OLOHUMINYO KWAVA VALEMÅLA

Omunga yimwe yapungika ovimatamata vyo "Comité Internacional da Cruz Vermelha" C.I.C.V. kwenda "Cruz Vermelha

de Angola" C.V.A. Vakanyulile yimbo lyo ko Mwangunja kuna vapañela kwava valemãla vu yaki kwenda vakwavo ovilema oloneke viwa.

Ohuminyo yalingiwa eci asokiyo ava avali, lasongwi vimbo valisanga ko citumãlo cu hayele co Mwangunja lava valemãla vuyaki kwenda ovilema, kwenje vavalikuminya ovyendelo kwenda apanguti.

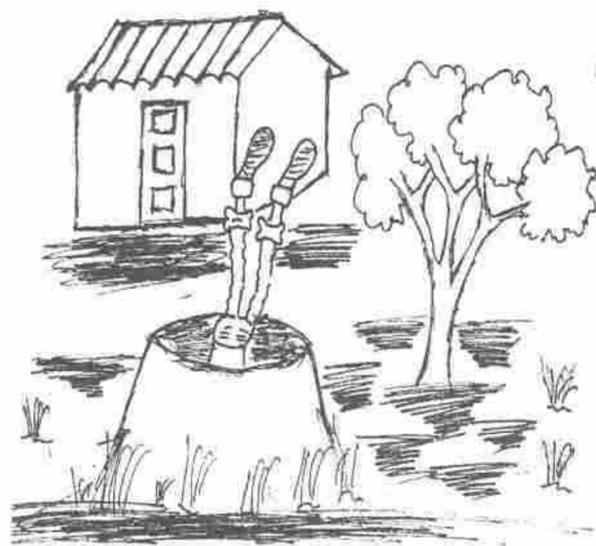
Vepuluvi lyaco asokiyo ava vavali vasya ocikundi kolonalavayi vyo citumãlo cuhayele catukwiwa, okuvasonyisa kwenda okutuma omanu valemãla ko citumãlo co "Centro Ortopédico da Bomba Alta do Huambo" votembo vaka-vilikiyiwa.

Enviado pelo grupo do Km25

CIÚME MATA UM HOMEM

No bairro da Santa Teresa um homem afogou-se na cacimba de sua casa, quando sua mulher o abandonou e arranhou um outro homem.

A cena começou quando o casal brigou por causa da falta de comida em casa. A mulher tentou saber do marido onde tem guardado



o dinheiro. Isto causou uma briga que levou a mulher sair de casa. Passados alguns dias a esposa voltou em casa e o marido comprou 25 Kg de arroz, mas em vez de reinar harmonia, o marido ficou rei em casa. A mulher perante esta

cena arranjou outro homem e o marido frustrado, pensativo e irado atirou-se na cacimba, deixando órfãos.

“É pela primeira vez que o meu marido compra comida, fiquei bastante admirada e pensei que ele mudou, mas afinal este arroz piorou a nossa relação, aumentou a anarquia, bate-me e maltrata as crianças” disse a mulher quando comentava o motivo pelo qual arranjou outro homem.

ESEPA LYAPONDA YUMWE ULUME

Kosanjala yo ko Santa Teresa yumwe ulume, walimba vokasimba konjo yaye, eci ukāyi waye ovusya, yu avanja ulume ukwavo. Ocitangi cafetika eci ovo vakala okuywela omo lye kambo lyo kulya konjo. Ukāyi wapulisa apa pakala olombongo. U ndeti haco anena onjwela, yu ukāyi atunda vonjo. Eci pakapita oloneke vimwe, ukāyi watyukila konjo, ulume walanda olonjongo vyasoka akwi avali la tãlo vyo lwošo, osimbu nda pakala ocisola, ulume walinga soma vonjo. Ukāyi yu avanja ulume ukwavo, ulume wasumwa calwa, yu alimba vokasimba, wasya ološwe. “Onjanja yatete ulume wange alanda okulya, ndacikomohã, ndasima hati mbi wapongoloka, pwāyi olwošo ovu, uvi wavokiya, ondiveta, otata lãvi omãla” wacipopya ukāyi vokulombolola eci avanjela ulume ukwavo.

Enviado pelo grupo da Santa Teresa

DEIXOU DE SER AGRADÁVEL

Um jovem morador do bairro de Kacaca de 23 anos de idade, foi espancado ao ser apanhado a manter relações sexuais com uma jovem casada de 17 anos de idade.

O jovem e a menina aproveitaram-se da ausência do marido, quando este viajou em missão de negócio. Salienta-se que o espancamento foi realizado pelos primos do marido, graças as duas crianças que ao visitarem o casal, notaram alguns movimentos estranhos dentro de casa.

Algumas fontes contactadas afirmam que a moça realizou a acção, por ter passado já dois anos de casamento sem filho.

Informamos que o caso ainda não foi resolvido, porque o jovem fugiu e a moça foi expulsa. Enquanto um é espancado por manter relações sexuais com a mulher alheia, a Clementina Naveti de 42 anos de idade moradora do bairro de Kamiliquinheiro, no município da Caála mata o seu marido, puxando-lhe, pelo sexo.

O facto aconteceu quando o marido encontrava-se no estado de embriagues.

Neste preciso momento a mulher encontra-se detida.

CAPITA VUWA

Umwe umalehe nungambo yo Kakaca ukwalima vasoka akwi avali la tatu, watipwiwa eci akala okulinga ocisola layumwe umalehe okwele ukwalima vasoka ekwi lepanduvali. Amalehe ava, vacilinga vepuluvi lina okuti ukwanjo watunda okukalinga omilu. Tu lombolola okuti vatipula apalamu vulume, okumwiwa kwavo, pakisi omãla vamwe vavali vakanywulile olohweli evi, valimbuka vimwe kavyasungulukile vonjo ya nawa. Vamwe valombolola hati ufeko u ndeti wacilingila momo tunde apa vakalikwela papita ale otembo yalwa omõla lakamwe. Ocitangi eci handi kacapotolwiwile, momo umalehe

watila, ufeko waco vayoloka laye. Osimbu yumwe atipwiwa omo lyo ku linga uvasi lu kãyi wamale, clementina Naveti ukwalima vasoka akwi akwãla la vali nungambo yo ko Kamiliquinheiro ko Caála, waponda ulume waye eci onãla ko cisusilo. Ovina evi vyapita vepuluvi eli okuti ulume wakolwele. Cilo ukãyi waco okasi okusombisiwa.

Enviado pelo Km 25

ESTA GENTE DEVE SER APOIADA

Os moradores dos bairros Bom Pastor e Kapango estão há mais de um mês sem energia eléctrica nem água potável. Para obterem este precioso líquido são obrigados a percorrerem pelos bairros vizinhos. A falta de iluminação provoca insegurança, o que faz com que alguns alunos nocturnos desistam das aulas.

Enquanto alguns dançam por falta de luz e água, nas comunas do Mundundo e Kakoma no município do Ukuma, as pessoas correm o risco de morrer a fome, alimentando-se de raízes de bananeiras.

OMANU AVA VASUKILA EKWATISO

Olonungi vyo ko sanjala yo ko Bom Pastor kwenda ko Kapongo, tunde apa ocinyi lovava vyakotoka, osāyi ya supa. Okusanga ovava vayela, civakisika okwenda kolosanjala valisungwe lavyo. Lekambo lyo cinyi, likapa esakalalo pokati kolondonge vitanga luteke, noke vasyapo okutanga.

Osimbu vamwe vapiluka, omo lye kambo lyo cinyi, kwenda ovava, ko lo komuna vyo ko Mundundo lo Kakoma vo município yu Ukuma omanu vamwe nda kavapopeliwile vakafa lonjala, kwenje vepuluvi eli okulya kwavo olombombo vyoviti vyahondyo.

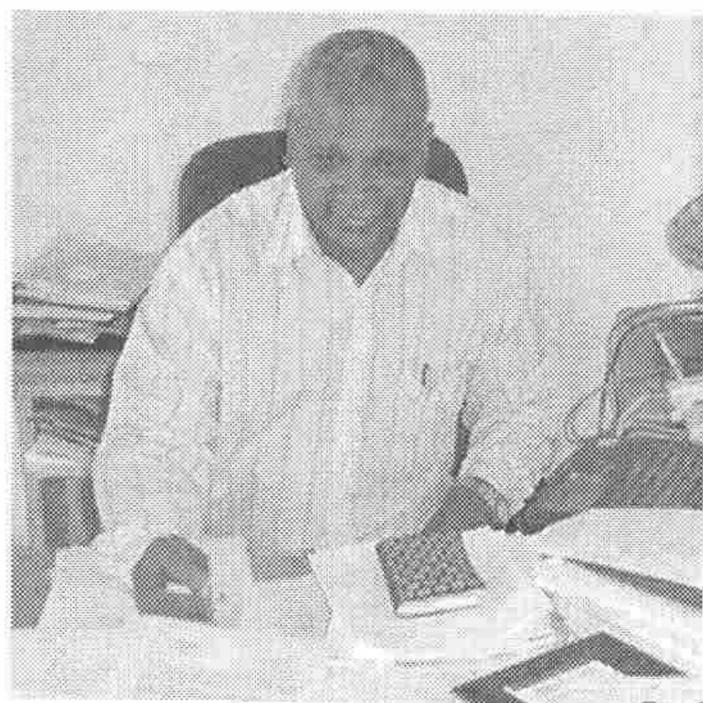
Enviado pelo Festo-DW

Economia e pobreza

Nesta edição temos como linha de abordagem a pobreza. Assim neste nº do Ondaka escolhemos para a entrevista o Dr. Henriques Mendes, Economista e Director do Gabinete do Governador do Huambo, que no seu ponto de vista fala-nos da pobreza em todos aspectos.

Dr. Henriques Mendes, Director do Gabinete do Governador Provincial do Huambo, economista e professor da Faculdade de Economia no Huambo.

ONDAKA - Economista, professor e Director do Gabinete do Governador. Como caracteriza a pobreza na província do Huambo?



Dr. Mendes - O Huambo foi uma das províncias mais afectadas pela guerra. Em 1992 tinha um parque industrial, um parque escolar, um parque sanitário já bastante considerável, tudo isso temos que esquecer, porque foi destruído. Tínhamos cerca de 120.000 trabalhadores, hoje estamos com 16.000 trabalhadores, portanto se admitir que 100.000 trabalhadores estão a sobreviver a fazer outras coisas que não são da sua profissão. Se cada um tiver cinco (5) filhos, significa que temos 500.000 pessoas sem pão ou a viverem com um rendimento inferior a um dólar dia.

O- Temos uma economia que funciona na província?

Dr.M- Parece fácil falar de economia, mas não é fácil se admitirmos que a nossa economia é quase uma economia de troca, uma economia mercantil, não está monetarizada, não temos um meio rural com bancos, não temos agentes económicos que estabeleçam a ligação campo cidade. Os poucos bancos que existem funcionam de forma deficiente e ainda não estão devidamente encaixados à modalidade em que estes agentes devem exercer de facto o seu trabalho do campo. De tal modo que o desincentivo que se provoca no meio rural vai agudizar a pobreza dos cidadãos, porque as vezes o cidadão produz bens e não tem mercado.

O- Como o governo pensa dentro dos seus programas diminuir a pobreza?

Dr.M- O governo tem um programa onde consta o combate a pobreza. Estamos a fazer novos esforços para que o cidadão tenha acesso a essas estruturas básicas. Assim implica dizer que, temos que fazer esforços na criação de empregos, temos que dar condições para que cada um ali onde estiver possa desenvolver alguma actividade. Há um escritor no seu livro com o título: "Liberdade e Desenvolvimento" diz que uma das principais formas para combatermos a pobreza é darmos a formação às populações. Com este passo permitirá cada um por

si só combater a pobreza. É verdade que a priori não nos parece que o combate a pobreza é uma responsabilidade única do governo, ele está a participar desta forma na redução da pobreza.

O- Como é que isto será feito tendo em conta o problema que temos na Educação?

Dr.M- Na verdade fica difícil, mas é por aí que temos de passar, porque se o cidadão não tiver formação não podemos dizer que estamos a combater a pobreza.

O- Como pensam fazer isso?

Dr.M- Temos de criar um circuito de formação e montar outros serviços paralelos tais como a assistência técnica e comercial ao campo. Temos que encontrar medidas conjuntas, que possibilitem a formação. Assegurando o circuito de produção e do comércio que facilite a vida do camponês no meio rural. Fica difícil de facto falar do contributo individual que cada sector da sociedade deve dar para combater a pobreza, porque o primeiro passo é o sector educação, mas este deve funcionar em simultâneo com os outros sectores e nunca de uma forma isolada.

O- Porquê medidas conjuntas?

Dr.M- Porque se cada um actuar de forma individual, o que vai acontecer é que, por exemplo quando formos pressionados na agricultura e o circuito comercial não estiver montado e se dermos formação enquanto não haver acesso ao mercado de trabalho, será em vão o nosso esforço. O que interessa nós estarmos a dizer que o país é rico, se não colocarmos

a nossa riqueza a disposição dos cidadãos?

O- Quem deve assegurar essas medidas?

Dr.M- O estado como tal, traça políticas, orienta programas, projectos e diversos actores na sociedade, principalmente a sociedade civil que tem de ter a participação directa na redução da pobreza.

O- Quem deve fazer chegar essas medidas às populações?

Dr.M- As diversas associações cívicas e as igrejas devem participar nisto fazendo com que o cidadão conheça os seus direitos, as suas obrigações e os seus deveres. Porque os serviços básicos são fundamentais, mas os cidadãos não conhecem os seus direitos.

O- O que se pode fazer para inverter este quadro?

Dr.M- Só havendo investimento, de tal formas que haverá criação de

muitos custos, que os encarregados de educação devem suportar. Os bancos têm um papel específico na economia que é de financiar valores a serem injectados no sector económico.

O- Referiu-se ao papel dos bancos na economia e consequentemente na redução da pobreza. Acha que isto está a funcionar?

Dr.M- Os bancos ainda têm uma carteira de créditos infelizmente muito limitado, porque se os bancos não fazem financiamento, não pode haver investimento os nossos empresários não terão capital para investir. Por exemplo na província do Huambo a agricultura tem um papel preponderante. Para isso deve haver investimento, porque indústria já foi o que foi e não acredito que aparecerá tão rapidamente, embora haja muitos interessados, mas sem

pobreza?

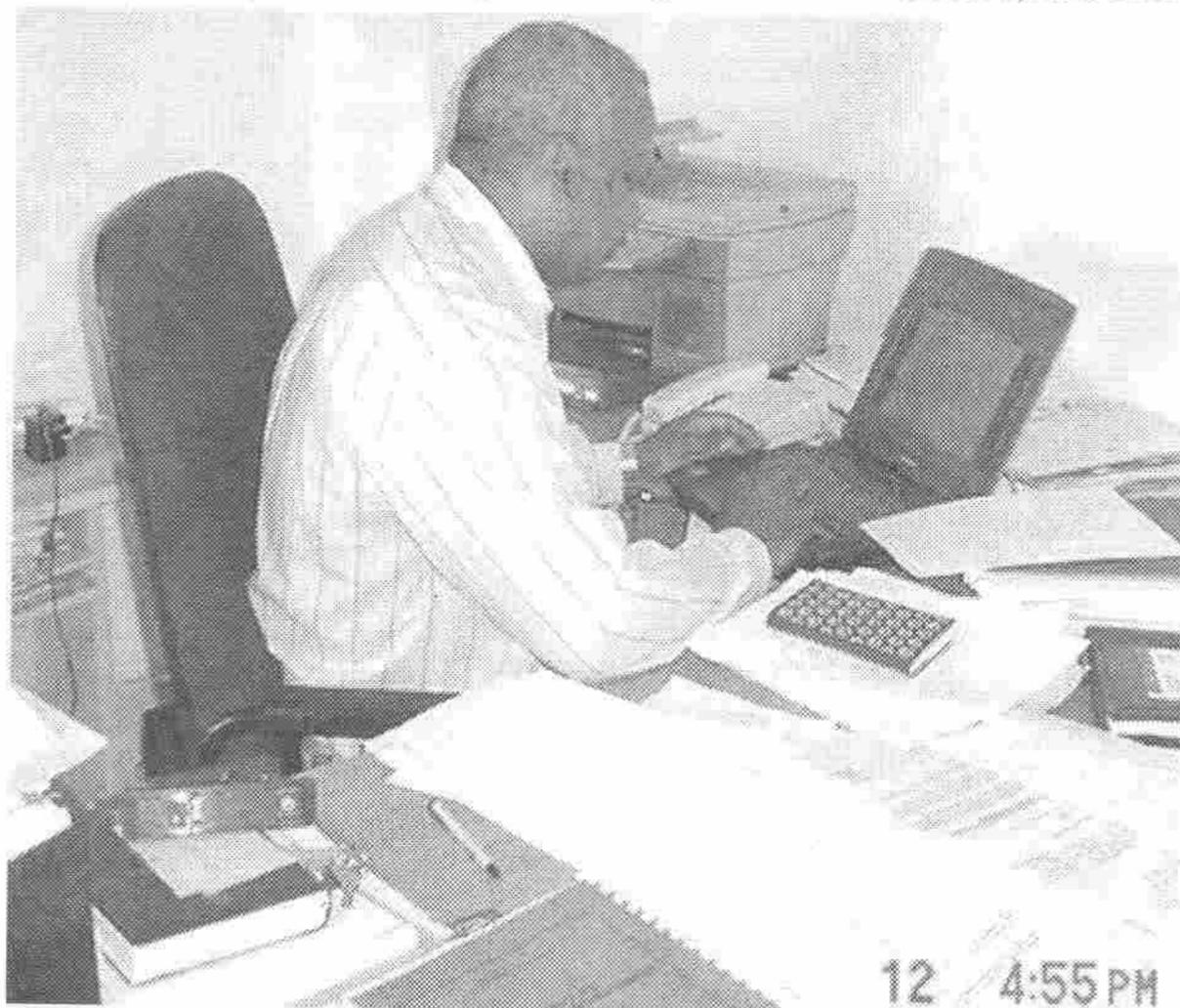
Dr.M- A pobreza não é um mal que enferma somente o povo angolano. Este povo foi vítima, nesta guerra, primeiro do colonialismo, da guerra fria e hoje está envolvido na pobreza, em que o país tem que correr para não sacrificar ainda mais os cidadãos. Porque se não correremos para nos actualizarmos em termos de tecnologia, ficaremos atrás e em vez de beneficiarmos deste bem da globalização, poderemos ser vítimas.

O- Disse que temos que ir atrás da globalização antes que sejamos vítima dela, mas em Angola fala-se ainda que a tecnologia é dominada pelos estrangeiros. Quer comentar sobre este problema?

Dr.M- Nós temos um país subhabitado, temos problemas de longa obra técnica, por isso temos que trabalhar em parceria com os estrangeiros. Em todos os países existem investimentos estrangeiros, perfeitamente o estrangeiro tem que estar a coabitar. Temos que criar políticas que permitam os angolanos saírem beneficiados dos investimentos estrangeiros, da tecnologia e das empresas que actuam em Angola.

O- Na sua visão quanto tempo Angola levará para superar esta situação de pobreza?

Dr.M- Fica difícil estabelecer um limite temporal, porque o conceito pobre é relativo de país para país. Por exemplo nos Estados Unidos, um pobre vive com um rendimento de 200 dólares, enquanto que em Angola maior parte dos cidadãos ainda vivem com um rendimento inferior ou igual a um dólar por dia. Temos que trabalhar muito. Já se estabeleceu o salário mínimo nacional, mas o acesso ao emprego ainda é limitado. O que temos de conseguir é estabelecer políticas sólidas.



centros de emprego. Havendo emprego, estaremos a aumentar a capacidade de compra, poder de acesso a saúde e a educação, porque infelizmente o ensino é aparentemente grátis, mas ainda há

financiamento não podemos fazer face a esta situação em que ainda vivemos.

O- Dr. Mendes. Qual é exactamente a causa principal da

O COELHO E A JIBÓIA

Certo dia, o Rei da selva convocou todos os animais para participarem numa reunião com o propósito de traçarem estratégias de como apanhar a Jibóia, que estava a dar cabo de outros animais.

- você! Todo fininho te compromete apanhar a Jibóia?
- como disse o Rei que, o prémio será uma surpresa, então meus companheiros estejam calmos eu trarei a Jibóia.

Assim o Coelho partiu para a selva

comprido que você, mas tenho uma ideia, em vez de discutirmos, temos aqui este pau deitado através do qual vamos comprovar.

A Jibóia disse:

- se quer comprovar eu faço sem problemas.

- deita ao longo deste pau, encoste aqui a sua cauda para medir.

Pois é, afinal você é mais curta que o pau.

A Jibóia furiosa e orgulhosa esticava-se cada vez mais, sem ter em conta o plano do Coelho.

Enquanto a Jibóia se esticava, o Coelho amarrava-a. Até que a Jibóia ficou completamente amarrada.

Desta forma o Coelho conseguiu vencer a Jibóia, levou-a sobre os ombros e foi mostrá-la aos outros companheiros.

O Rei pasmado deu a recompensa ao Coelho conforme havia prometido. Os outros animais

Os animais concordaram e foram até ao Rei.

Então Rei diga, o que podemos fazer para apanharmos este maldito animal?

- por mim acho que esta besta deve ser apanhada para estarmos todos livres e quem o fizer terá um prémio fabuloso.

-apanhar a Jibóia! Exclamaram os animais.

Rei, quais são os caminhos a seguirmos para apanharmos aquele animal tão feroz e cheio de truques? Até ali seremos todos devorados! Diziam os animais em coro.

O Coelho saiu do meio dos outros e respondeu.

- Rei quero saber primeiro sobre o prémio que pretendes dar.

O Rei respondeu ao Coelho:

- será surpresa meu filho.

- sim Rei, eu trarei a Jibóia dentro de pouco tempo.

Não tardou começaram as gargalhadas dos outros animais.

e deu conta da Jibóia. Logo começou a rir. A Jibóia ouvindo o sorriso do Coelho aproximou-se e perguntou:

O que estás a rir?

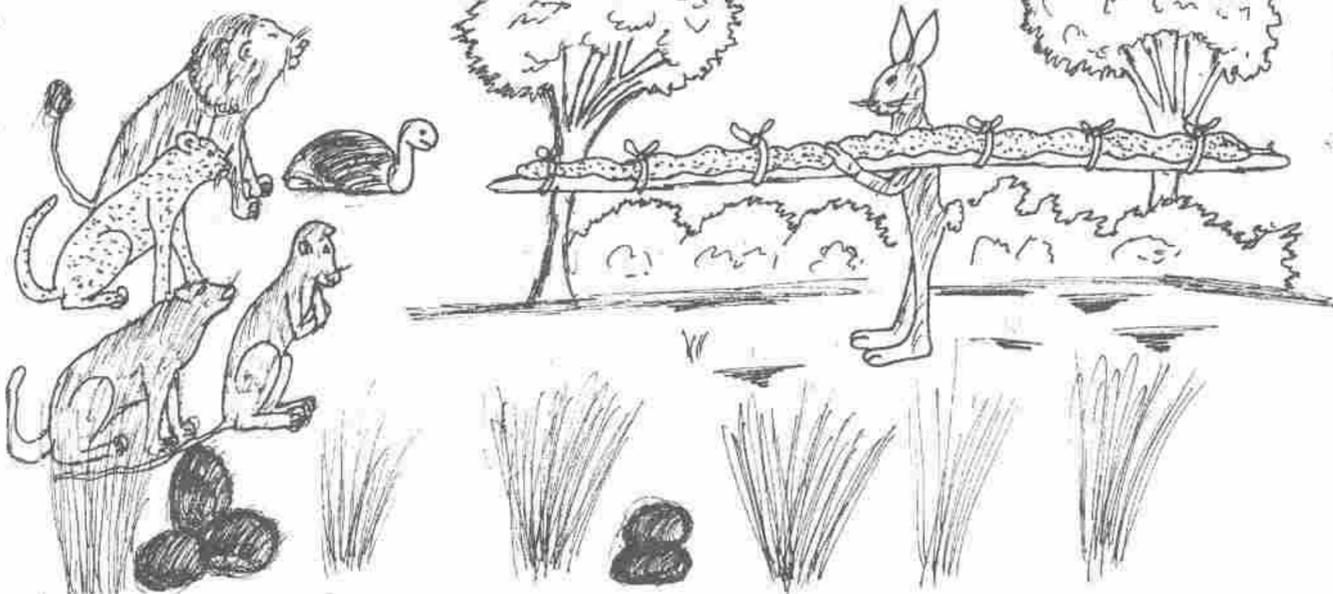
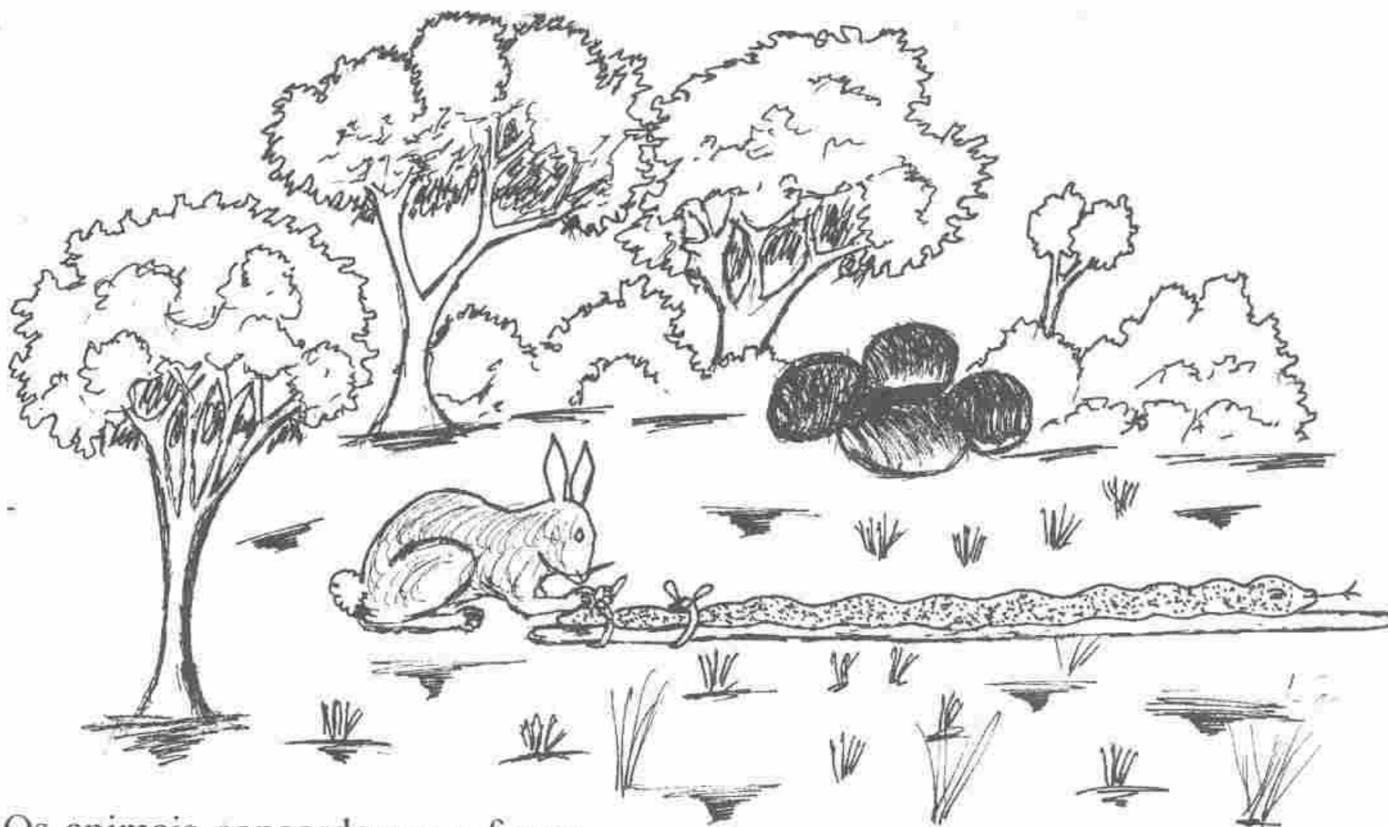
- óh! Amiga Jibóia, estou a rir a

conversa que tive com os meus amigos, quando disseram que você era mais curta que o pau. Eu ser mais curta que o pau! Quem foi este maluco que comparou a mim com a altura de um pau?

- amiga eu penso que o pau é mais

ficaram bastante admirados pela inteligência que o Coelho teve ao apanhar a Jibóia que é tão ruim.

Por: Simba Tinofirei



Ondaka Teatro

A LUTA PELA SOBREVIVÊNCIA

Sofia era uma mulher, que estava habituada a vender para sustentar o seu lar, enquanto mano Serafim era um homem que não fazia nada e não gostava de ver a sua mulher andar daqui e dacolá à procura do pão de cada dia. Certo dia Sofia começou a reclamar sozinha em sua casa.



Sofia- Isto também já é demais. Todos os dias a pessoa a sofrer para poder se alimentar, com cinco filhos que temos, ora porque falta isso, ora porque mãe tenho fome, e a comida que este gajo do Serafim traz nunca chega para ninguém e ele que não trabalha e ainda por cima quer me ver sentada aqui em casa. Poça! Assim não dá, este sofrimento vai nos matar ele hoje vai me ouvir.

Serafim- oh! Sofia, você não tem vergonha logo de manhã cedo já está a começar a rachar a tua boca, será que estás a ficar maluca ou quê!

Sofia- Não é isso ó Serafim, é que eu já estou cansada de viver nesta miséria, eu não nasci para viver e morrer pobre. Eu acho que se você me deixar trabalhar poderei começar a ajudar aqui em casa, os nossos filhos precisam de ir à escola e de se alimentarem muito bem.

Serafim- O quê? Eu também não

sou culpado de estar assim nessa situação. Nos 16 anos eu tinha a minha lavra no Sambo, mas por causa da guerra tive de abandoná-la e vir para cá no Casseque III, para não morrer. Dou graças a Deus, hoje temos uma família que mesmo vivendo na pobreza somos felizes.

Sofia- Eu não quero saber disso, eu só quero trabalhar mais nada.

Serafim- Você não pode arranjar emprego antes de mim.

Sofia- O quê? Você está mal enganado, eu hoje mesmo vou procurar emprego para sustentar os meus filhos. Ó Serafim me larga, tira a mão, tira a mão não ouves?

Serafim- Sofia, Sofia vai mesmo e nunca mais volta a meter os teus pés aqui em minha casa.

Barrotão - Óh! Mano Serafim o que é que se

passa mais desta vez, sempre a lutarem, até quando então?

Serafim - É essa Sofia, que me fugiu por eu ser pobre e não ter nada para lhe dar e o mais agravante é que me deixou com as crianças.

B - O quê! A mana te fugiu? Isso está de mais. Porquê então?

Serafim - Tudo porque eu não quis deixá-la trabalhar.

B - Óh mano, ela então tem toda a razão. O mano mesmo sabe que se nós e as nossas mulheres dedicarmos-nos ao trabalho estaremos a contribuir para a redução da pobreza que tem vindo a afectar milhares de famílias.

Serafim - Mas o mano acha que isso basta para reduzir a pobreza?

B - Bom eu penso que se todas as pessoas tiverem um emprego para adquirirem um pão, vai facilitar alimentarem as suas famílias. Por outro lado as pessoas não podem simplesmente

esperar do Governo, das ONGs e outras instituições, devem também optar por outras formas de sobrevivência.

Serafim - Como quê?

B - Como por exemplo terem as suas lavras, fazerem pequenos negócios para taparem o boraco na cozinha.

Serafim - O mano tem toda a razão, mas eu acho que este micro-crédito que têm dado em algumas pessoas não basta. Por mim o mais importante é acreditarmos que ainda vamos a tempo de ir à escola ou fazermos outros cursos que nos possibilitam enquadrarmo-nos na sociedade, onde poderemos descobrir novas coisas da vida e da nova ciência, que está sempre em avanço.

B - Tens toda a razão, mas para que isto tudo venha acontecer é preciso que haja reunificação do vosso lar e deixe pelo menos a sua mulher voltar para a casa, porque até aqui ela está em minha casa e eu não posso suportar tantas barrigas.

Serafim - Está bem mano, diz a ela que eu já não vou batê-la e que a partir de amanhã vamos os dois começar a procurar um emprego.

B - Está bem é assim que se fala, mesmo na situação em que nos encontramos não devemos esquecer o amor entre nós.

Serafim - Só espero que a Sofia me perdoe.



Sofia - Desculpa Serafim, eu te gosto muito.

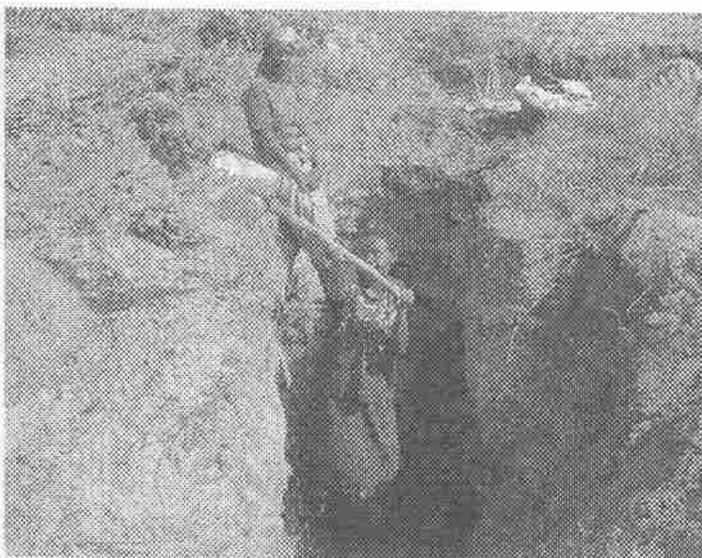
*Por: Pedro Pascoal Nhangá
"Vozes d'África"*

Será que no Vilinga também há kamanga?

Nesta página de pesquisa pretende-se mostrar a maneira como muitas populações lutam pela sobrevivência. Uma das maneiras é o sistema de cavar areia à beira de riachos para vender. Este método tem ajudado, mas também suspeita-se que estará a criar futuras consequências no meio ambiente.

Os pesquisadores do grupo comunitário do Vilinga preocupados com o facto, levaram a cabo uma pesquisa nos bairros de Bomba Baixa e S.José inquirindo os respectivos moradores.

Tem sido progressivo o alastramento de ravinas motivadas por populações que extraem areia no riacho Calondeia, concretamente nas mediações das baixas de S.José-Quilombo e Bomba Baixa, a fim de venderem.



Segundo algumas pessoas contactadas ligadas ao comércio de areia, alegam praticar este tipo de actividade para garantir o sustento de suas famílias e em caso de aproximar-se a época agrícola, lhes dá a possibilidade de comprar as sementes diversas a serem aplicadas no campo. Muitas



peessoas entrevistadas, entre estas do sexo feminino, as suas opiniões não fogem das anteriores embora acrescentam que este tipo de actividade é efectuado há mais de 4 anos. “O pouco valor que temos como rendimento minimiza as pequenas preocupações no nosso seio. Vendemos todos os dias areia a um preço de entendimento para evitar que qualquer dia sejamos delinquentes”, disse um jovem.

O senhor Luís, diz que é a única maneira para sobreviver e com agravante suportar a poligamia em que está submetido.

Esta acção praticada por homens e até mulheres, na verdade está a ajudar as pessoas sofredoras ou carentes por causa da pobreza, mas o pior é que estamos perante a destruição do meio ambiente e o mais grave é que junto deste rio foram construídas novas casas que ligam ao bairro do Quilombo.

“Estas casas tarde ou cedo correm risco de desmornarem através de ravinas.” Comentou o soba do bairro de Bomba-Baixa quando falava num debate organizado pela associação dos desmobilizados no Vilinga e Grupo Comunitário de Vozes de Paz.

HANGA KO VILINGA KULIVO ULU?

Onepa eyi yo kukulihisa, yikalekasa vyalwa ndomo omanu vasandiliya eteku lyavo. Ovina evi vyasyata okukwatisa pole viyokokisa ovina vyo kovaso vyatyamela kilu lyeve. Ocanjangombe calinga ocituwa, omo lyo manu vasyata okukolon-gola eseke ndeci kolwi Kalondeia, vo mbwelo yo S.José ko Quilombo kwenda vo Bomba Baixa, locimaho co ku landisa.

Ndomo vamwe vacilombolola, vati nda vacilinga, momo vasanda eteku lyo mälä vavo, lacovo valombolola hati momo upange vunja wafetika, lokulandisa eseke civakwatisa okulanda olombuto. Handi ovo valombololavo okuti upange waco vahufetika pokati kalima vakwäla. Yumwe ukwakulandisavo, walombololavo hati, lyatunda olyo lyatunda valandisa eseke, pole pokati ka yu olanda lu olandisa valiyeva oco lomwe akavangule hati wandilyapula.

Handi vepuluvi lyaco ñala Luís hati, ndilandisa eseke omo oyo lika onjila yiñwatisa okuliteywila konjala kwenda koluvale ñasi lawo.

Upange waco ovu vu kasi okulingiwa la lume kwenda akäyi, ukasi okuvakwatisa calwa.

Uvi ukasiko wuhu okuti vakasi okunyola osi, vanji ño ocipepi lolwi waco, vakasi okutungilapo olonjo vyatokeka ko sanjala yo ko Quilombo.

Soma yo ko Bomba Alta, walombolola keteke valwongolwile lavana vamälä uswalali vasangiwa ko Vilinga kwenda vana vatyamela ko cimuka “Vozes de Paz” hati, olonjo vyaco limwe eteke vikatekateka omo lyeseke likasi okututiwa.

Saúde em nossa casa

Abóbora

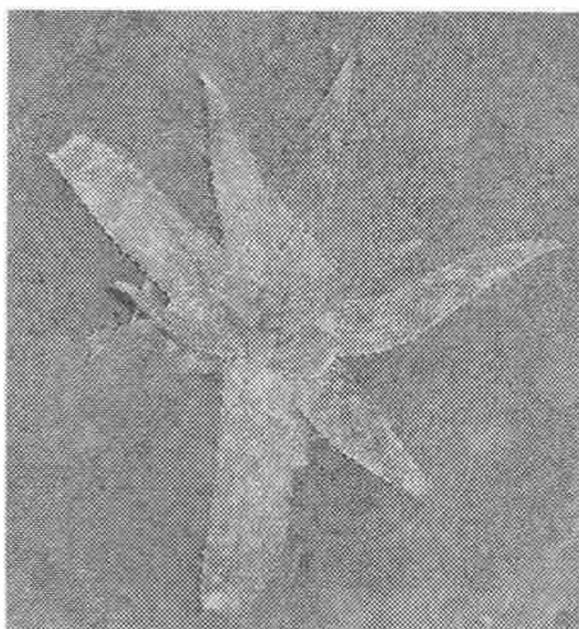
Para combater a solitária (ténia), secamos sementes de abóbora ao sol. Damos para a criança mastigar as sementes inteiras (podemos moer as sementes antes de dar para a criança) começando de manhã cedo, em jejum e continuando o dia inteiro. Durante esse dia, a criança não recebe nenhum outro alimento



até sair a solitária. Para ajudar a sair as cabeças da solitária a criança senta-se sobre um bacio com água morna. As sementes também fazem efeitos sobre outros vermes.

Babosa (Xandala)

Para tratar queimadura de sol, passe o suco da folha de babosa, ou coloque um pedaço dela, depois de tirar a película na parte afectada.



Para tirar a película passe o pedaço no fogo.

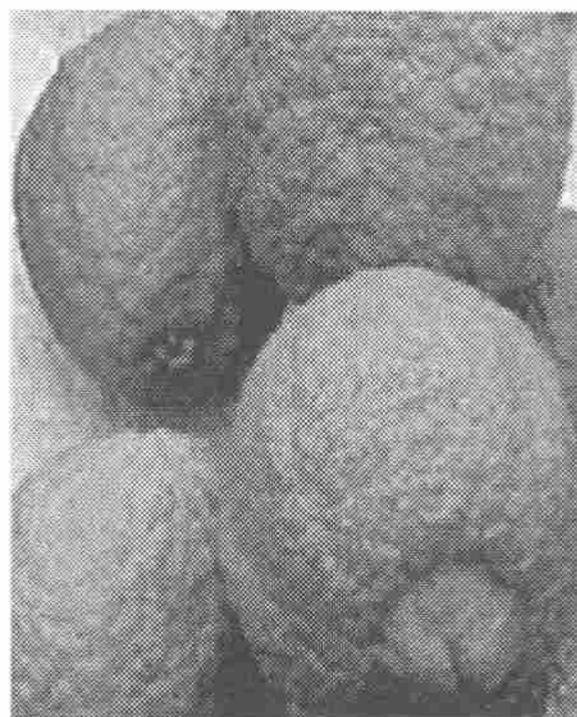
Para hemorróidas, preparamos um

suco feito da seguinte maneira; tiramos a casca grossa de Babosa, cortamos a parte interna e esprememos. Fazemos uma massagem suave nas hemorróidas, à noite, até que as hemorróidas desapareçam. Este suco também pode ser usado para aliviar a coceira causada por oxiúros ou uma inflamação do recto.

Limão

Para combater a azia, esprememos meio limão em 2 colheres de água e tomamos cada vez que sentimos azia.

Para evitar conjuntivite pingamos uma gota de limão em cada olho. Esta aplicação faz-se a noite ao deitar.



Maracujá

Para usar como calmante, preparamos uma decoração (fervura) com 1 ou 2 folhas para uma chávena de água. Tomamos 2 à 3 chávenas por dia.

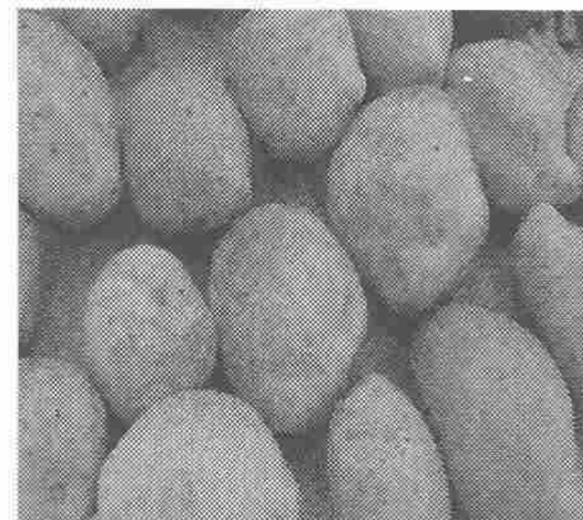
Também podemos preparar o suco da fruta sem as sementes, passando numa peneira.

Mamão

O mamão ajuda a digerir os alimentos. Por isso faz bem para as pessoas que sofrem de má digestão. O leite do mamão pode ser usado

para a cicatrização da úlcera varicosa. Lave a ferida com o suco (leite) diluído em água (1 colher das de sopa do suco para cada litro de água).

O mamão também pode ser usado contra vermes. Junte 3 ou 4



colheres das de chá (15 a 20 ml) do que escorre quando cortamos a fruta verde ou o tronco da árvore. Misture com igual quantidade de mel num copo com água quente. Tome em jejum.

Para tosse com catarro podemos fazer um xarope de mamão verde. Cortamos a tampa de um mamão verde e tiramos as sementes. Colocamos rapadura e tapamos novamente. Deixamos no forno, em fogo baixo, até ficar castanho. Tiramos a tampa e observamos se ainda tem rapadura, pois deve ficar como mel.

O adulto recebe uma colher de sopa e a criança uma colher das de chá, 4 vezes ao dia. Este xarope elimina qualquer tipo de catarro. Também pode ser usado em feridas de mau aspecto, pois ajuda a cicatrizar.

Enviado pela Fernanda da Silva ICRA-Educadores Sociais

Tirado do livro: Werner, David, Onde Não Há Médico, 20ª edição, 1994, Palus e Jap.

Cobrir com capim-Uma arte em esquecimento

O capim é um material de construção utilizado desde os tempos remotos. Em alguns países o capim é utilizado para cobrir edifícios públicos (palácios e instituições do estado) e residências dos ricos, pelo que a tecnologia nestes países para a cobertura foi bastante desenvolvida, permitindo a conservação do ambiente e de algumas espécies de capim.

Em Angola esta tecnologia está sendo desenvolvida por influência dos países vizinhos, principalmente os da SADC. Em algumas províncias (Huambo, Luanda, Huíla e outras) existem edifícios cobertos de capim, embora que algumas pessoas, principalmente da cidade de Luanda, usam capim importado da África do Sul. Existem potencialidades no nosso país, onde encontramos este material de

samente colocado e é uma solução de emergência quando não há chapas.

É possível desenvolver programas de auto-construção, especialmente nas zonas rurais.

Tecnicamente a cobertura de capim exige uma inclinação de 45°.

Vantagens

· Usando este material é uma forma de preservar a natureza

temente do tipo de capim.

· Se o capim não estiver próximo da obra, o transporte do mesmo é bastante caro.

Existem várias espécies de capim: **Senje (Vellozia s.p):** é o mais utilizado em Angola, principalmente nas províncias do Huambo, Bié, Benguela e Kwanza Sul. É espécie de qualidade razoável, de fácil colheita e abunda principalmente a beira dos rios. Apodrece com facilidade e de dois em dois anos é necessário substituí-lo. É de difícil manuseamento e pode atingir dois metros de altura.

Mbinda (Lagenaria vulgaris): é menos usado, abunda a beira dos rios, grosso de 0.5 cm de diâmetro, pode atingir dois metros de altura. É uma espécie de alta qualidade, que pode durar mais de cinco anos.

Atete (Eugenia Angolensis): uma espécie típica de Angola, que abunda no Bié e Katchiungo.

Eulo ou atetele (Anona cuneata): Também é muito usado e de fácil colheita. Encontra-se quase em todas as províncias principalmente a beira dos rios ou no alto; é o que mais aparece nas regiões de Angola. Algumas espécies são mais grossas que as outras. O eulo é resistente e é de fácil preparação. É uma das melhores espécies em relação as outras citadas.

Para que o capim tenha resistência, durabilidade e aspecto arquitectónico aceitável é necessário cumprir com as seguintes etapas: colheita, armazenamento, preparação, cobertura e acabamentos.



qualidade e em quantidade, mas por razões culturais e alguns por preconceitos acham que este é um material ultrapassado e que só serve para os pobres. Esta tecnologia precisa de ser desenvolvida e promovida em Angola, porque é uma das formas de aumentar a qualidade das construções nas zonas rurais e urbanas, sendo a cobertura uma das partes mais caras de um edifício. É considerado ou seja ficou um material de pouca reputação, porque não é cuidado-

evitando queimadas.

· Os edifícios cobertos de capim são mais frescos com boas propriedades acústicas (menos barulhentos).

· É um material disponível e é económico e substituído serve para a preparação dos compostos orgânicos que os nossos solos carecem.

Desvantagens

· Exige protecção contra incêndios.
· Manutenção constante de cinco em cinco anos dependen-

Colheita - Feita três a quatro semanas depois da estação chuvosa, isto é, quando o mesmo estiver maduro e relativamente seco para evitar que durante o processo de armazenamento o mesmo apodreça.

Armazenamento - Deve ser feito de forma que o ar pode circular.

A Preparação e a Cobertura - são feitas quase em simultâneo.

Existem instrumentos manuais de fácil fabrico e manuseamento para a preparação e cobertura de capim. Alguns instrumentos: pente, tesoura, compactador e agulha. Estes instrumentos podem ser fabricados com material reciclado (pedaços de ferro e madeira).

O capim antes de ser colocado na estrutura de cobertura deve ser penteado (tirar o lixo).

Posteriormente formar feixes e por último colocar e amarrar à estrutura da cobertura.

As fiadas podem ser lisas ou em forma de degraus, dependentemente da solicitação do cliente.

Na etapa dos **acabamentos** são retiradas todas as impurezas e seguidamente procede-se o tratamento contra os parasitas ou ainda coloca-se a rede para evitar que os pássaros depositem os seu ninhos.

É de observar que se houver promoção e uso do capim de forma condigna teremos as vantagens:

- fonte de rendimento de receitas para as famílias
- o Governo poderá angariar fundos para exploração deste material
- protecção do meio ambiente.

É um trabalho simples e bonito, que pode ajudar a minimizar o índice de pobreza das populações, porque a venda ou trabalhos de cobertura são fontes de geração de emprego e ao mesmo tempo evitando as queimadas os solos podem manter a fertilidade para o trabalho de agricultura. Portanto, no nosso país por existir

este tipo de material local que não se planta; é altura de conservar e promover no sentido de que um dia possamos exportar este material e contribuir com receitas para o Estado Angolano.

OKUYAMBELA LO WANGU- ULOÑO UMWE WAVALIWA

Vofeka yo Angola uloño ovu ukasi okwamako, omo lyo lofeka vyo kosamwa vi lisungwe lo feka yo Angola. Alupale vamwe vo Angola ndeci o (Huambo, Luanda, Huila kwenda vikwavo) kusangiwa olonjo vimwe vyayambeliwa lowangu, ndaño omanu vamwe vo lupale lwo Luanda vakwakuyambelavo olonjo lo wangu va landa ko feka yo ko África do Sul.

Vo feka yetu musangiwa owangu waposoka, hawa walwa, pole

vali vo Angola kovopange vo ku yambela olonjo "Senje" owangu ovu owo omanu vayambela lawo olonjo capyãla enene omanu va tunga vo Huambo, Bié, Benguela kwenda vo Kwanza Sul. Owangu vukwavo vu sangiwa kolonele vyo londwi kahuwako ño enene, momo vu vola lonjanga, pokati kalima avali te okuhupongolola.

Nda oyongola okuti owangu vu pama, catete ohupema, ohupun-gika, noke oyambela. Ciwa okuti owangu wo kuyambela vukola ciwa, sanga vunyoleha lonjanga. Osimbu kwayambebele, owangu waco vufwamula ciwa, yinene vyosi vyende keyala.

Ciwa calwa okuyambela lo wangu, momo ndacalingiwa kolonepa vyosi, cikwatisa olosi, momo owangu nda wakukuta vuyokiwa noke cinyola olosi. Pole nda owangu waco watetiwa omunu osenda ño kayoki vali owangu



kuli omanu vamwe vasima hati owangu wolohukwi.

Olonjo vyayambeliwa lo wangu viwa calwa, vyatalala, kwenda ka vi koki onjwela.

Kuli vimwe kavyasungulukile
Visukila okuvitata ciwa momo vipya londalu. Ciwa okuti omanu vasangiwa kolosanjala lo ko vambo vakwata uloño vuwa wo ku yambela olonjo. Owangu lo wangu walitepa ovu vusukiliwa

noke cikwatisa calwa kolongunja. Ofeka yetu momo yikwete uwa ovu ndeti kavusukiliwa okuhukulã, elivala lyokwongotiya ciwa uwale ovu ndakuti limwe eteke tu kavulandisavo kolofeka vyo ko samwa, ocina cimwe cipondola okukwatisa ofeka yongola.

Enviado por: Bernardete Nonjamba Lutucuta com o apoio do Engenheiro Chanja

Vinte Kwanzas mata uma criança

Quintino Cassoma Santos trabalhador da Direcção municipal da Saúde no Huambo, por causa de 20.00 Kz perde o seu filho de 11 anos de



idade, que em vida chamava-se Gerviz Satima Santos.

Gerviz afogou-se quando em companhia de sua irmã mais velha, regressavam da moagem do S. João para casa. Mas como é de costume, pagar 20.00 para atravessar a ponte "Silupuka" os dois irmãos não se dispunham deste montante.

Assim tentaram negociar com o dono da ponte se fosse possível em



vez de dinheiro eles pagarem a fuba, mas o senhor deu costas ao pedido.

Desesperados preferiram enfrentar a corrente de água tendo atravessado a mais velha, mas infelizmente Gerviz não suportou a corrente de água e ficou ali afogado.

Alusapo velimi lyumbundu

1. Ca vonga mundi kapule kimbo, nda okuvela olofa vikasiko
2. Nda wila kovaso, vanja vanja koñima
3. Ambwa ka kwate, ku kalye
4. Nda otunda omundi yila, vokwenda muli okutyuka
5. Ociñimame ceci wande
6. Ku kayilembikile akasa, yukulila u osole
7. Ongombe twesekela ombowe kayafile
8. Nda wekuta nilako, hukatimihe londalu, momo hela eci onjala yuku vala opwenyako
9. Usitwe wanda lakulu, kusyelena wanda leponde
10. Okuyapuka kwombwa okunyelelako
11. Palitilila olonjamba owangu owo utalapo ohali
12. Ocindulu esunga
13. Ocina wandela oco ca kuñiha onduko
14. Ohulungumbe yalimba vipembe, nda omunu likapa kwakwene
15. Wakelengenja walima, wasinja ombela wa vonga
16. Wale wale kalasuka aka kalyendela
17. Okukulinha onjamba okwenda, hovokuluko
18. Ukongo kayevi eci a ñale
19. Lya cove, camale ci koka onjaya
20. Kopitule yu walalelako
21. Camale hati mbanje
22. Cenda ño ovava
23. Nda walanda ombya yokaliye, okaciyo selekako, momo hela yo kasukila
24. Mbewu okulonda ko cisingi omanu vokapako
25. Kakulihile cimwe eye va twika efe lyombulu
26. Ka kulihile epembe,

- lolondunge kavi.
27. Kakusandiliya hawoveko
 28. Kalusase wanda lili; vakwalonuma va lunguke
 29. Ka cileha ciwa kacipepi
 30. Kacilingui cimwe ongwe yosuyile
 31. Kaniñili ka lyata vosema; wa tomba u wa sulile
 32. Kapali etende pande, ocineka vikwete ungombo ko cima kavyendi
 33. Mwa ndundu mwa ndunge; ka kakwete olondunge ovelela iso lyaye
 34. Oñoma, oviti tu songa viñi
 35. Nda oyongola okufukilã tuma omanu kupange; ove opekela
 36. Nda oyuva ongwe ukasumbe avala; ocipa cipenga
 37. Nda pita keyau; etõle lyandengelela
 38. Nda wakupuka vanja oku loko; nda kavakumwile yolako
 39. Etumba walilonga halyo lyukulya
 40. Etwi kalikwela kwela oluvale
 41. Ka kulihile cimwe eye vatwika efe lyombulu
 42. Kolombongo kakuli usitwe
 43. Kusumwa kwacimu, ngulu wopitika onjelo Lyanga okulya kukalyange okusima
 44. Mwele wanda ovilinga vyasala
 45. Ocilema vacitacita kavalanda landa

Enviado pelos grupos do Vilinga, Samacau e Km25

ONDAKA

O nosso boletim comunitário

ONDAKA:

financiado anteriormente pela Embaixada Britânica e pelo Comité Holandês para a África Austral (NIZA)